LISBOA — QUARTA-FEIRA, 27 DE JULHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 96 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

NOTICIAS recebidas da provincia, dizem-nos que a guarda republicana se esquece algumas vezes da prudencia que é necessaria a quem tem de servir em contacto com a população dos campos.

Em Sinfães e terras proximas, têm-se dado alguns casos em que a guarda revelou uma ausencia total do que podemos chamar o sentimento das conveniencias. Uma senhora das mais ilustres da região, apreciadissima na sociedade lisboeta, mulher de grande talento, sofreu as insolencias de um soldado que lhe invadiu a sua propriedade sem respeito nem consideração por ninguem.

Pedimos a intervenção do sr. comandante da G. R., que sabemos aliar a um alto amor da disciplina os primores da boa educação.

* * *

O GOVERNO conta que o Parlamento o autorize a fazer a remodelação dos serviços publicos e a adoptar várias providencias que o habilitem a efectuar uma pequena obra de saneamento, antes de Novembro.

* * *

E' O SR. Paiva e Pona que faz as criticas tauromaquicas no nosso presado colega «A Democracia».

* * *

HA' quem suponha que a Republica, para ser feliz, necessita, de tempos a tempos, reeditar as glórias do seu nascimento.

E' por isso que ela tem de ter, junto de si, uma caixinha com pensos.

* * *

FOI agraciado com o oficialato de São Tiago o sr. Macedo Soares, secretário da embaixada do Brasil e amigo de Portugal.

* * *

ULTIMO aspecto da campanha nativista: são os proprios brasileiros que agora se voltam contra os negroides que nos agridem, obrigando-os a calar-se.

* * *

GARANTEM-NOS como coisa assente que o sr. dr. Afonso Costa, apesar dos boatos em contrário, voltará á actividade politica, chamando de novo para junto de si muitos dos homens que se afastaram do partido democratico.

* * *

ONTEM á tarde rolos espessos de fumo, saindo da chaminé do Banco de Portugal, provocaram alarme no publico.

Foram requisitados imediatamente os socorros costumados.

— O Banco está a arder! — clamava-se numa angustia.

Felizmente o panico era infundado. No Banco de Portugal ardia apenas grande quantidade de notas velhas, que um dos seus directores mandara queimar.

E o povo debandou risonho. E o povo debandou satisfeitissimo de ser filho de um paiz que ainda pode felizmente queimar dinheiro...

NOVO GOVERNO?

Não falta já quem se apresente como coveiro do governo Barros Queiroz, sem aguardar sequer que êle leve ao Parlamento as propostas que anuncia necessarias para a restauração financeira.

O «Diario de Lisboa» não deseja discutir, neste momento, um gôsto tão patriotico e tão funebre, porque lhe repugna derrubar governos, só pelo prazer esteril de fazer de forte e fero.

As suas ambições não são tão altas.

Dará sempre o seu modesto apoio a quem zele pelos interesses superiores do paiz.

Caido o ministerio, quem lhe sucederá?

Dentro do partido liberal, há de ser dificil organizar outro melhor do que êle. De ministerios de combinação entre partidos, de ministerios extra-partidarios ou nacionais estamos nós bem avisados, porque sabemos dos seus optimos frutos. E' melhor não tentar, por ser trabalho perdido.

As Camaras, infelizmente, estão compostas de maneira que, se não houver muito tino e sangue frio, os governos irão ardendo, uns após outros, como cigarros. Deitar, por exemplo, a terra o sr. Barros Queiroz, para lhe dar um sucessor igualmente efemero, de que vale? Os apetites de certos cavalheiros encontram geralmente compensações, nestas quedas sucessivas e estrondosas.

O paiz, porêm, não alcança qualquer proveito. Para êle, o essencial é que haja quem governe e administre. Como espectaculo de circo, não lhe convêm «S. Bento».

Assim, quando algumas gazetas não se pejam de afirmar estrondosamente que o governo tem os seus dias contados, o paiz pregunta logo, cheio de inquietação:

— «Mas porquê?» — E, como não obtem uma resposta bem satisfatoria, fica-se com a impressão de que andam milhafres e corvos no ar. E' o caso de agora. O sr. Barros Queiroz talvez não seja o melhor politico de Portugal, mas é incontestavelmente um homem honrado e conhecedor experiente dos assuntos da sua pasta.

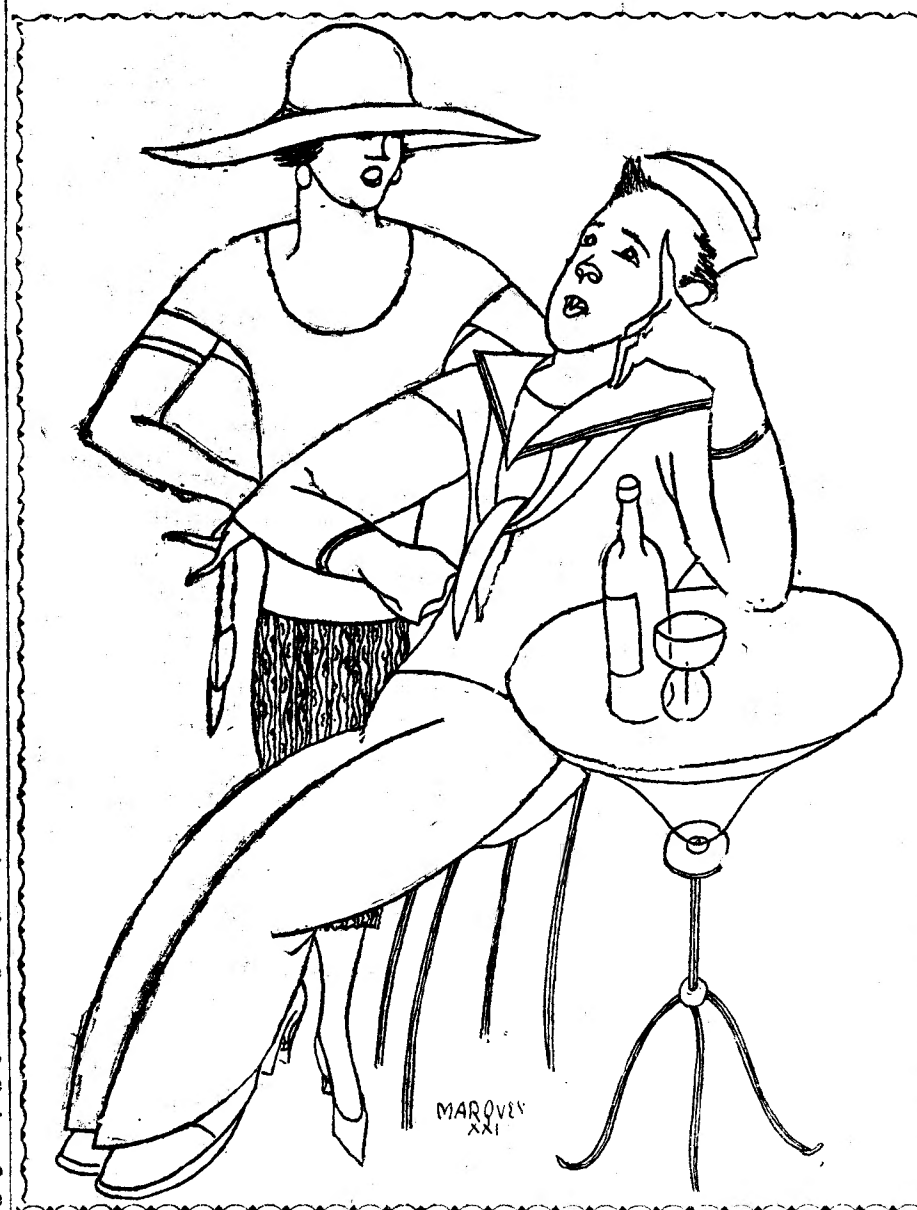
Algumas vezes o «Diario de Lisboa» tem mostrado a sua impaciencia, em frente do seu obstinado silencio, para com várias preguntas que lhe temos feito. Isso não é bastante para que nos façamos provocados.

Hoje, devemos declará-lo, começamos a perceber que a sua atitude, na questão dos 50 milhões de dolares, é lógica e justa. A defesa financeira do paiz assim o exigia. A propria dignidade do poder impunha tal procedimento. Andam lobos, em tôrno do povoado. Toda a cautela é pouca.

Que o sr. Barros Queiroz só caia, quando haja quem com mais proveito para nós todos lhe possa suceder. Antes disso, não! Entre êle, que é incapaz de se meter num negocio escuro, e os que o incitam a confirmar contractos ruinosos para o Estado, não há que hesitar.

Que o paiz saiba isto e que não se iluda com falsas dedicações!

O UNICO AMOR



—«Cámóne!»
—«No». De portuguesas só gostar de Viuva Gomes...

(Desenho de Bernardo Marques)

FOI afinal proclamado senador o sr. dr. Julio Dantas. O sr. Benjamin Jeronimo perdeu a partida. O ilustre autor da «Severa» já pode, pois, aspirar á consagração parlamentar.

* * *

PELA distinta senhora italiana D. Laura Carbonati acaba de ser traduzido o livro do sr. Justino de Montalvão «A Italia coroada de rosas».

Dessa tradução já foram publicados alguns excerptos no «magazine» «La Donna», que tambem inseriu um interessante artigo versando a obra literaria do nosso inteligente compatriota.

* * *

ENTRE a lavoura existe uma certa efervescencia, originada pela atitude do governo, que pretende anular o trabalho da comissão de trigos, que garante á próxima colheita um preço remunerador, tencionando, em contrário fazer aprovar uma proposta de lei no Parlamento, de efeito retroactivo, e que representará, na opinião de alguns agricultores, a morte da cultura cerealifera em Portugal.

* * *

O GOVERNO não póde apresentar-se ao Parlamento antes de quarta-feira, em virtude da demora no exame dos processos pela comissão de verificação de poderes.

* * *

ALGUNS deputados liberaes interpelarão a comissão de verificação de poderes ácêrca da eleição do senador reconstituinte sr. António Teixeira, pelo circulo de Bragança. Este senador exercia o cargo de auditor administrativo por ocasião do acto eleitoral, devendo, portanto, segundo a opinião dos correligionários do governo, ser anulada a sua eleição.

* * *

O SR. Bartolomeu Severino requereu hoje um inquérito á fórma como decorreu todo o acto eleitoral no circulo de Vizeu.

* * *

O SR. ministro do Interior pôz a marca de sem efeito á circular que ontem enviou aos jornaes.

Sabemos que todos os seus colegas de gabinete discordaram dela.

* * *

É POSSIVEL que não seja o sr. Abel Hipólito quem nomeará o novo director da policia de segurança do Estado. Os pretendentes não faltam. O sr. ministro do Interior vê-se assediado. E talvez por isso mesmo deixe o encargo da nomeação ao seu sucessor.

* * *

HÁ dôze dias, o sr dr. Julio Dantas tomava no Rocio o «rápido» para Leiria. Ia confiadamente anular a eleição do seu adversário candidato a senador, sr. Benjamim Jerónimo. Voltou e voltou triunfante. A maturidade galante do mestre literato venceu a juventude ingenua do professor politico.

MAGAZINE

Os bilhetes da "Opera"

E os frequentadores do grande teatro francês lá continuam reclamando contra a exploração de que são vitimas desde sempre.

Há uma classe de açambarcadores, que, rindo dos directores e da policia, tem conseguido lucros fabulosos e revender os bilhetes adquiridos pelos meios mais variados.

Na bicha, arranjam meio de passar adiante de todos; quando lhes foi proibido por lei revender os bilhetes publicamente, instalaram-se em casa e o negocio tornou-se regular. Para não serem conhecidos, vestiram-se de creados, mandavam em carruagens «damas» elegantissimas, compravam escudeiros de casas conhecidas.

Com o comercio localizado mudaram de sistema; em lugar de comprarem os lugares diariamente, tornaram-se assinantes.

Luiz Véron, antigo director, expulsou um dia um bilheteiro, que foi apanhado a contractar a venda de metade da casa... e que, depois se soube, era um açambarcador.

E o proprio Véron teve de se servir dêles para cumprir uma promessa:

Tinha prometido a uma senhora que lhe daria um camarote para aquela noite. E Lausseret, que tinha a direcção da venda a seu cargo, mandou-lhe a orgulhosa frase sacramental:

— Não há nem mais um. Chegou muito tarde.

— Mas como hei de eu comprir a minha promessa?

— Dirija-se aos açambarcadores de bilhetes.

— Eu! um director da Opera!...

— Oh! meu caro, os habitantes do Havre só comem o peixe que vai de Paris...

Inclinou-se o director. Mas o emissario de Véron foi reconhecido. E a dama, durante o espectaculo, recebeu de um anonimo um magnifico ramo de flôres.

Os açambarcadores tambem sabem ser galantes...

Um heroe desconhecido

Os maiores heroismos ficam geralmente conhecidos de Deus e do autor e, quando muito, dum numero restricto de pessoas, que raras vezes os fazem passar á posteridade.

Quem conhece Carlos Labussiere?

Madame Dussane, da Comédie Française, acaba de publicar um livro em que conta como êste homem, diariamente, hora a hora, instante a instante, com perigo de perder a vida, livrou da morte mais de 1.100 condenados pelo comité de Salvação Publica. Entre êsses 1:100 condenados estavam artistas de que a Comédie Française ainda hoje se orgulha, que tinham sido em massa condenados á morte.

Labussiere, que se tornará suspeito a certos denunciadores de profissão, foi colocado nos serviços do Comité de Salvação Publica por uns amigos. Tinha a seu cargo guardar os processos dos presos. Mas, animado pela grande desordem que havia em tudo, começou a fazê-los desaparecer.

Guardava os que podia numa gaveta fechada á chave. Introduzia-se na casa á noite, tirava-os, metia-os num balde de agua e deixava o papel desfazer-se.

A seguir, fazia umas bolas que metia nas algibeiras. De manhã ia aos banhos do Pont-Royal, desfazia essas bolas e atirava os pedaços ao Sena.

Para êste homem pediu Fleury uma estatua; Porel e Manoal pediram que o nome dêle fosse gravado a oiro no vestibulo. Mas a Comédie Française, que ostenta orgulhosamente ao publico o nome de todos os que considera grandes e que trabalharam por ela, ainda não achou um canto, por muito humilde, para gravar o nome de um homem que podia ter morrido para a salvar.

Atenção

The International Radio Telegraph Company, actual proprietaria da Patente de invenção n.º 5861 para «Aperfeiçoamentos na transmissão de sinais electricos», concedida a 7 de Agosto de 1907, declara que se prontifica a conceder licenças para o goso parcial do privilegio ou a vender a patente. Cartas a Abel & Imray, 29, Southampton Buildings, Londres.

O ELOGIO DO ELOGIO MUTUO

E' frequente o ataque aos escritores que se utilizam do Elogio Mutuo, como uma arma, como uma legitima defesa contra o elogio mutuo dos outros. Não compreendo a razão dêsse ataque. Dois artistas que se estimam são dois artistas que se admiram. A amizade é quasi sempre uma consequencia da admiração. Eu, pelo menos, não tenho tempo para ser amigo dos individuos que não me interessam, como não tenho tempo para ler os livros que estão fora da minha orientação literaria... Na Arte, como na Vida, não se pode viver só. Se é nobre que os irmãos, que todos os parentes se amparem na vida, porque não há de ser nobre, da mesma forma, que alguns artistas, de tendencias iguais, se amparem nessa outra vida que é a Arte?... O contrário é que seria lamentavel, é que seria para censurar. Quando um Artista tem medo de gritar a sua admiração por um Artista é porque duvida de si, porque tem medo de se colocar mal colocando bem os outros... Eu não tenho medo algum de admirar, porque só admiro aqueles que me admiram. O Elogio Mutuo não é mais do que a exteriorização da admiração mutua. Admirar é reconhecer em alguem qualidades que não se possuem, com a certeza de que, em compensação, se possuem qualidades que êsse alguem não possue... E' assim que se afirma uma geração. Cada um no seu lugar com as suas qualidades e com os seus defeitos, disposto a defender o seu lugar e o lugar dos outros... Definir posições e mantê-las, mantê-las á custa de tudo, mantê-las, principalmente, á custa do Elogio Mutuo.

O Elogio Mutuo não é, de modo algum, uma inferioridade. O Elogio Mutuo é a Vida. Desde que os homens se resolveram a viver em sociedade, resolveram-se a viver em Elogio Mutuo... O que é a Politica, o que é o Comércio, o que é a industria, o que é a literatura, o que é a Arte? Elogio Mutuo, Elogio Mutuo, Elogio Mutuo... E' o reconhecimento de mutuas qualidades ou de mutuos defeitos, que forma os partidos, que selecciona os homens, que sindicaliza as classes... E' ainda o Elogio Mutuo que organisa as sociedades commerciais, que põe as fábricas em movimento... Há um Elogio Mutuo dinamico nos proprios mecanismos, nas engrenagens, nas rodas que se encontram, nas roldanas, nos guindastes, nos motores... O Elogio Mutuo é a grande fôrça da criação... O Sol elogia a terra, dá-lhe a ilusão do oiro... A terra, por sua vez, elogia o sol: arde por êle... O mar elogia a praia, ameiga-se em espumas, ao tocá-la... A praia elogia o mar: arremessa-lhe corpos de mulheres... As falenas elogiam as flôres, em beijos repetidos... As flôres elogiam as borboletas, oferecendo-lhe as côres dos seus vestidos... Pelas tardes discretas e sossegadas, os passaros madrigalizam as arvores que rumorejam, satisfeitas, lisonjeadas...

Os grandes sentimentos da humanidade são gerados tambem pelo Elogio Mutuo. A amisade é o Elogio Mutuo das almas. O Amor é o Elogio Mutuo das almas e dos corpos...

O que fazem, afinal, êsses que nos acusam do Elogio Mutuo? Elogiam-se mutuamente... O facto de nos combaterem significa que há determinados nomes que êles não combatem, que há determinados nomes que os não combatem a êles... Os consagrados, pela sua propria natureza de consagrados, constituem uma Sociedade de Elogio Mutuo, uma Associação de Socorros Mutuos... E' justo que os novos se defendam, é justo que êles se agrupem, que êles se auxiliem uns aos outros, que êles constituam uma maçonaria... Infelizmente, nem sempre sucede assim. Estamos atravessando uma hora em que os novos são os maiores inimigos dos novos, uma hora em que aparecem, frequentemente, publicações dirigidas por novos a combater os novos... Triste sintoma! Havemos de ser sempre o velho Portugal... A mocidade, entre nós, é uma loucura... Os meus teimosos vinte anos têm sido maltratados, caluniados pelos vinte anos dos outros, vinte anos cobardes que põem barbas postiças para que não dêem por êles... Quantas vezes ao reler uma página de Anatole — O Senhor do Elixir da Longa Vida — e ao lembrar-me certos fosseis da nossa terra que se alcunham de novos, eu penso tristemente: Dá Deus vinte anos — as rijas nozes do tempo — a quem já não tem dentes... Ser novo, ser novo em Portugal é a ameaça constante dum manicomio... Por indolencia, por comodismo intelectual, os portugueses não querem compreender a mocidade de um gesto, de uma frase, de uma atitude... Resolvem logo, saudosos do repouso santo das formulas creadas, que êsse gesto, essa frase, essa atitude entram nos dominios da loucura. Eles resolvem o problema da Arte nacional com uma especie de estatutos aprovados pelo governo...

Haverá quem estranhe esta calorosa defesa do Elogio Mutuo posto ao serviço da geração, feita por mim, que ofereci a Teoria da «Indiferença» á minha geração — para que ela me deixasse só... Eu desejei estar só para ficar melhor acompanhado, para que ficassem certos da minha indiferença todos aqueles que se preocupam comigo, todos aqueles que me obcessionam, todos aqueles que, ingenuamente, se supõem a minha geração. Não é duma geração quem quere. Não pertencem a esta hora todos êsses alcachinados mancebos que espartilham a sua emoção, que acusam a minha arte de postiça, que me censuram a maquilhagem que eu uso na minha prosa, mas que, por sua vez, andam sempre cobertos de poeira, desta poeira que é a cinza do tempo... Entre o pó dos «in-folios» e o pó de arroz, creio bem que é mais higienico êste ultimo.

Há quem julgue que após êste artigo eu deixo de ter autoridade para fazer critica de Arte. Engana-se quem pensar assim. A critica de Arte ainda é uma manifestação do Elogio Mutuo... O critico só elogia as obras de Arte que lhe elogiam a sensibilidade, que lhe elogiam a inteligencia, que lhe elogiam os sentidos... De resto, quando eu faço a apologia do Elogio Mutuo, eu não faço a apologia do Elogio Mutuo incondicional, cego, sistematico. A base do Elogio Mutuo, repito, é a admiração mutua. Dentro dessa admiração todos os reparos são legitimos, necessarios, indispensaveis... Elogiar, não é, de forma alguma, bajular...

Amigos, amigos que pensais como eu, que estais ao meu lado, ao lado de quem eu estou, elogiemo-nos, mutuamente, sem escrupulos, sem hesitações, sem recear a ironia dos eteceteras... Amparemo-nos, barriquemo-nos, prolonguemos os nossos braços nos braços uns dos outros... Que a personalidade de cada um defenda a personalidade de cada um... A grande guerra na Arte portuguesa torna-se inevitavel... Quando essa hora chegar, que as nossas penas armem baionetas nos bicos dos aparos, que os nossos corpos sejam as hastes vigorosas onde drapejem ao vento as nossas almas tricolores... Amigos, vamos a isto, vamos ao Elogio Mutuo. Tenhamos essa coragem. O Elogio Mutuo é um conselho de Deus. Foi por Satanaz se ter negado a êle, que Deus o expulsou do ceu...

Antonio Ferro

Algarvia, L.da

Importadores e Exportadores

OLHÃO

OS TEATROS

Entre nós

Consta que o conhecido escritor sr. André Brun vem tomar, a convite de Augusto Gomes, empresario do teatro Apolo, a direcção artistica desta casa de espectaculos na proxima época de inverno.

—Tem havido varias «démarches» para alugar o Chiado Terrasse, a fim de ser explorado por uma companhia de declamação. No caso de ser levada a efeito essa empresa, o palco terá que sofrer varias modificações.

—A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, na sua passagem por Gouveia, irá fazer um espectaculo de arte no solar de Vicente Arnoso, em S. Romão.

A primeira peça a subir á scena no teatro Nacional, na proxima temporada, é «La maison cerné».

—Consta que vai pedir a demissão de societario do teatro Nacional o actor José Ricardo.

—A empresa Emauz contractou para a proxima época de inverno do Salão Foz o maestro Filgueiras.

—Estreia-se no dia 2 de Agosto, no Funchal, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho. A peça de abertura é a «Inimiga», de Nicodemi.

—A companhia dirigida por Luís Pinto vai dar uma série de espectaculos a Ayamonte e Huelva.

—O ultimo quadro da revista «Tic-Tac» intitula-se «A mulher mais linda».

—Diz-se que vai deixar a companhia do Salão Foz o actor Rosa Mateus.

—A peça alemã o «Tufão» só será representada na época de inverno. E' traduzida por José Sarmento e o principal papel foi criado em Paris pelo tragico «De Max».

Reclamos

S. CARLOS — Por dificuldades de montagem, não sobe hoje á scena em S. Carlos, mas sim na sexta-feira, o novo original de Vasco de Mendonça Alves, «Seductores», estudo patologico muito interessante. Ensaia-a o professor Antonio Pinheiro e o desempenho dos principais papeis foi confiado a Amelia Rey Colaço, Maria Judice da Costa (que se estreia em declamação), Constança Navarro, Fernanda de Sousa, Robles Monteiro, Henrique de Albuquerque, Octavia Bramão, José Alves, Ernesto Rodrigues e Tomé da Veiga.

NACIONAL — Hoje, em recita da moda, reaparece uma das peças mais queridas do publico, a imortal «Vida dum rapaz pobre».

S. LUIZ — Continúa cada vez maior o grande exito da engraçadissima peça magica «A Mulher Artificial».

GINASIO — O mais alegre e atraente dos espectaculos, o que bate o «record» da concorrencia, continúa sendo o do Ginasio, com «O Celebre Pina».

AVENIDA — Mantem-se, com o mais brilhante exito, a sensacional peça «Os Conquistadores», em que são violentamente fustigados os que, ao sentimento e ao amor querem impor as questões de dinheiro.

APOLO — Não ha calor que faça afastar o publico deste teatro. O novo quadro «Pedras Soltas» com que foi acrescentada a linda fantasia regional «Porto tantos de tal», teve um sucesso identico ao que consagrou a peça.

POLITEAMA — Voltou ontem a representar-se a encantadora opereta «Avé Maria», que já constitue um triunfo notabilissimo da companhia Satanela-Amarante.

EDEN — Vai de vento em pôpa singrando com a maior das felicidades a revista do Eden-Teatro, «Pé de Dança».

SALÃO FOZ. — No Salão Foz, em duas sessões, o impagavel «Tróláró», continua a atrair o grande publico com o seu quadro novo «Escola da Arte de Namorar».

COLISEU DOS RECREIOS — O programa da «final» marca para hoje os seguintes combates:

Para disputa do primeiro e segundo premios: Petersen contra Steurs.

Para disputa do terceiro e quarto premios: Carlo Ré contra Salvador Chevalier.

Para disputa do quinto e sexto premios: Manuel Grilo contra Vance. O nosso campeão tem, no francês, um grande adversario, porque Vance é um belo atleta e um dos mais scientificos lutadores de todo o campeonato.

As lutas de hoje começam ás 10,30.

Os combates de hontem foram magnificos, sobretudo os dois ultimos, entre Carlo Ré e Steurs, e Salvador e Petersen.

O comba e durou 25 minutos. Nos outros combates, Vander Berk foi vencido pelo americano Wilson e Noel foi derrotado por Leon de Angers.

Espectaculos

S. CARLOS—Não ha espectaculo.
NACIONAL—A's 21,15—«A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21—«A mulher artificial».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«Os conquistadores».
POLITEAMA—A's 21,30—«Avé Maria».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—Tróláró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21-30—Ultima sessão e final do campeonato internacional de luta.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
SALÃO DOS ANJOS—A's 21,30—Cinema e variedades.

S. CARLOS Companhia REY COLAÇO ROBLES MONTEIRO

Primeira representação da peça portuguesa

6.ª feira 29—SEDUTORES

Original de VASCO MENDONÇA ALVES

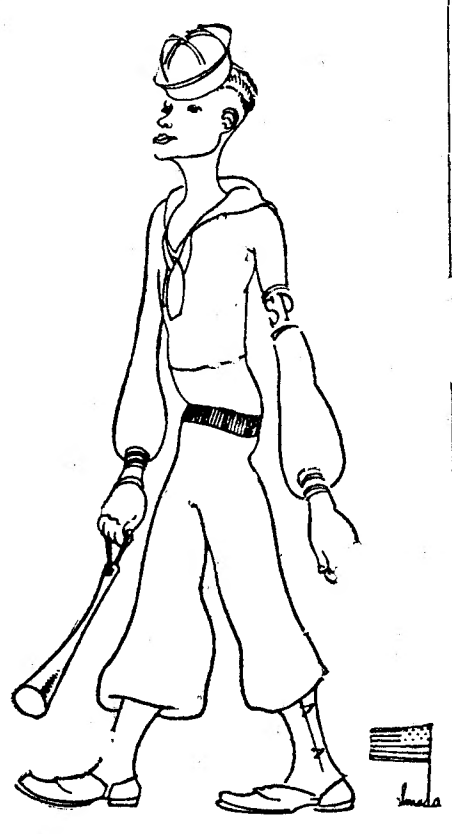
Ensaiada pelo prof.: ANTONIO PINHEIRO

NA VESPERA DA PARTIDA

MARUJOS AMERICANOS

Conceitos leves sobre gentes pesadas — Os marinheiros e a crise vinicola — O amor á americana — A opinião da Lili

Esta prosa destalentada vae fazer curandel a três talentosissimos «croquis» de Almada Negreiros. E' uma prosa feita. E' uma prosa para iluminar á pena o que um despretencioso bico de lápis caricaturou fundo, vincando os mais pequeninos de-



talhes, marcando numa calça «bôca de sino» a caracteristica da marujagem de todos os mundos—vincando para todos os mundos o «terminus» das calças largas, as calças «bôca de sino» que o burguez de todo o mundo detesta.

Pois vamos a isto!

Césares que atiraram os dados ao transpôr o Rubicon do Cabo da Roca, os americanos puzeram pé no caes, chegaram, viram e não venceram—porque ninguem se envaidece a vencer amigos.

Beberam na Baixa. Beberam na Alta. Beberam na alta e na baixa do cambio embriagador.

Surgiram capazes de resolver a crise viticola do Douro—se a crise do Douro não fôsse afinal uma crise que pretende obrigar a pagar sem beber...

Afocinharam na bebida. Emborcaram todos os gosos.

Lisboa, olhando-os, abriu uma bôca muito grande, uma bôca de circunstancia, uma bôca tão incomensurável como a bôca de desejos ilicitos dum senador torpedeado pelo governo.

Lisboa abriu a bôca e não fechou os olhos, porque os tem sempre cerrados.

«Abre a bôca e fecha os olhos»—o que se suplica á pessoa querida quando se lhe oferece clandestinamente um rebuçado. Os marinheiros americanos têm sido o rebuçado de Lisboa.

Desde o policia «yankee» que manuseia o «casse-tête» de madeira sólida e que a certa altura se esquece da solidez das pernas...

Desde aquele que vae no faro de conquistas e que perde o faro sem conquistar coisa nenhuma.

E o outro... E os outros...

Decididamente: a America entrou em Lisboa, muito antes de Lisboa ter entrado na América. E o gôsto deles é mais simples. E a sua civilização melhor abotoada.

Sentem-se quites com uma bebedeira, com o contrapezo de um automovel que os descarrega no caes, com as bastonadas de um camarada que os chama á razão por conta do corpo.

Mas Lisboa adora os seus «dollars»—convertidos em papel. A cidade curva-se perante eles no delirio fetichista duma adoração grávida de egoismo.

Oh! os americanos!... Os americanos!...

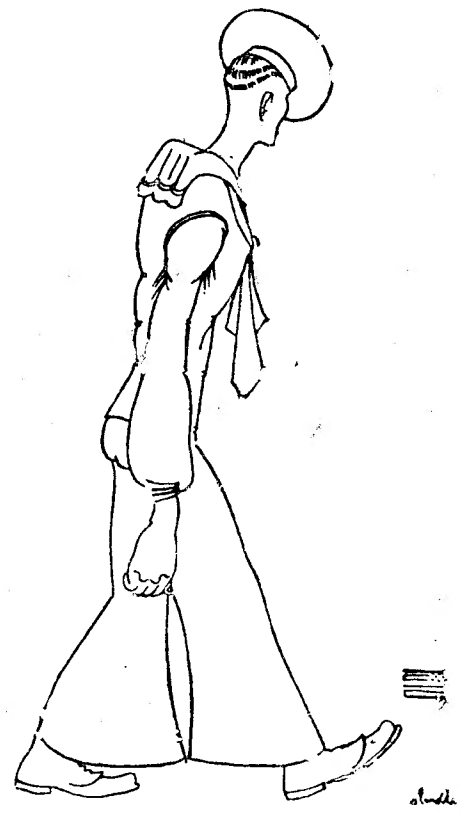
E a nossa terra abre pasmo quando eles passam em cadencia acelerada de ordinário:

Aquele que traz um «bonet» exquisito! Aquel'outro—até parece impossivel!—que «fox-trota» as ruas de cabeça descoberta.

Extraordinário!... Extraordinário!...

* * *

Aquele que ali está, dobrando um pescoço dificilmente geométrico sobre uma rapariguinha apanhada no equador do Ro-



cio, é cidadão capaz de desmentir a afirmação de que os americanos arredam os olhos das mulheres... Oferece-lhe a sua Republica—por duas horas de conservantismo comum... E a rapariguita é a Lili. E' uma que chega aos lábios o cálice de licôr da vida e pretende bebê-lo dum só trago.

Mas não é o seu cálice esse americano. Ela não o quere. Ela sentiu no seu sentimentalismo que a prática do amôr de certos homens é muito mais gelada do que a teoria.

E abandona-o.—«Good night»—após uma conversa fugitiva.

E ele galga a rua, a cabeça pezada, a deslindar outra conquista.

Porque não abordar a Lili? Porque não colher uma opinião?

—Lili, bela Lili, o que pensas do amôr dos americanos?

—Penso... o sr. já viajou em «sidecar»?... Pois é assim mesmo. Volta-se com a maior das facilidades. Quando menos se espera deixa-nos no caminho e temos que esperar pelo primeiro carro electrico...

Sarmento Duque

(Croquis de Almada Negreiros)

LER AMANHÃ:

EUGENIO DE CASTRO

entrevista-artigo de Norberto de Araujo

DAMIÃO & C.ta **57, Rua Garrett, 59**

E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Cartas indiscretas

Minha desolada amiga: — As suas fundadas queixas fizeram vibrar a corda romantica que o meu sceptico miocardio ainda possue e sentidamente deploro o desprêso a que foi votada pelos modernos poetas. Tem toda a razão. Eu não posso compreender, não sei explicar a causa que move os liricos de hoje a olhar para v. ex.ª com desdem e até Ironia. Não possue v. ex.ª ainda, e até talvez realçadas por um brilho maior, todas as Graças que cativaram os meus antepassados? Como eu lembro com saudade os tempos em que v. ex.ª foi cognominada «Rainha da Noite», «casta deidade», «Soberana de Prata» e por outros epitetos delicados que encheram de inveja a «Cassiopeia» e demais damas dêsse noturno Reino onde v. ex.ª era deveras a Rainha! Bons tempos!

Como deve recordar, cheia de amarga saudade, os remotos dias em que um trovador a seguiu a Londres, quando v. ex.ª viajava incognita, e, cheio duma paciencia que nenhum namorado hoje possue, resignadamente esperou que a Senhora «rompesse a custo o plumbeo ceu» para lhe fazer aqueles versos tão formosos e que no sarau em casa da «Ursa Maior» foram recitados com tanta languidês pelo poeta Julio! Dantes havia mais sentimento e havia consideração pelos rapazes finos...

Imagine a minha amiga que o pobre Julio tem sido de tal forma perseguido, que até um dos da nova seita já lhe apontou um revólver e chegou a fazer-lhe pim!

Já não há respeito, não há educação! O pobre Julio, coitado, tem sido tão ridicularizado, que hoje só é lido pelas brasileiras...

Mas console-se a minha amiga com o suavisador proverbio que alivia o mal quando êle se estende a muitos: hoje não há nenhum poeta que cante qualquer ser feminino. Não sei porquê, voltaram-se para o outro sexo. E ainda bem. Têm um modo de sentir tão destrambelhado, tão inestetico, que certamente iriam ferir as delicadas epidermes que outrora tanto respeitavamos. Imagine a minha amiga que há tempos um chamou ao sol: «Mazantini de luz»!

De que desmaio não seria acometida, que fundo agravo não receberia a sua requintada sensibilidade, se alguem lhe chamasse por exemplo: — «touca de flanela branca» ou «barrete de dormir de pano cru»?!

Hoje (é bem certo determinados males substituirem beneficamente certos bens) só cantam o Sol, Marte, Mercurio, o maluco do Sete-Estrelo e até (repare a minha doce amiga se alguem no nosso tempo se atreveria a tal) até cantam êsse Saturno, que já antigamente usava aneis, fatos cintados e devorava os filhos!...

Escrevo-lhe de Castelo Branco e para aqui lhe peço que estenda as suas marmoreas mãos, para que eu respeitosamente lhas beije e para que a suave claridade que delas emana ilumine o suave rosto de quem nestes ultimos dias me tem feito andar o miolo ás voltas...

J. T.

Pelo Governo Civil

O tenente Roby vai ser nomeado director da Policia de Segurança do Estado

Por uma conferencia que ontem á noite teve o sr. ministro do Interior com o sr. Lelo Portela, actual governador civil, foi êste senhor encarregado de escolher o novo director da Policia de Segurança do Estado. Pouco depois o sr. governador civil procurou o sr. tenente Roby, convidando-o para aquele lugar. Em seguida a uma outra conferencia com os srs. ministro do Comercio e do Interior, ficou definitivamente resolvida a nomeação do sr. tenente Roby, tomando êste em breve posse do seu cargo.

O QUE FOI O MOVIMENTO DE PROTESTO

A questão do Douro: suas causas e suas soluções

O actual governo irritou-a — O que vai fazer o parlamento? — Afirmações graves — O vinho do Porto que está armazenado vale 10 milhões de "dollars"

O jornalista surpreende os representantes do Douro almoçando e obtem uma entrevista do sr. dr. Antão de Carvalho, presidente da Junta de Defeza daquela região, que chegou ante-ontem a Lisboa

Hotel de Inglaterra, na sala de jantar. E' a hora do almoço. Perto da janela encontramos assentados, junto a uma meza, os srs. drs. Antão de Carvalho, Serafim de Barros e outras individualidades que representam a questão do Douro, isto é, milhares de pipas de vinho generoso, talvez dez milhões de «dollars» sonantes, armazenadas em toda a região. E' a hora do almoço, dissémos, mas o almoço vae já na sobremeza. Quem concede a entrevista é o sr. Antão de Carvalho, presidente da Junta de Defeza do Douro. Veiu ante-ontem de lá, pelo rápido do norte. Sabe coisas.—A revolta?...—A paralização do trabalho?...—O que desejam V. Ex.as?...

O sr. Antão de Carvalho:

—Vale mais este cálice de vinho do Porto de que todas as palavras que lhe possa dizer.

E a garrafa corre de mão em mão, enchendo os copos, até o do próprio jornalista, que agradece; saboreia-o sem um elogio. Deficiencia de paladar...

—Um nectar! diz o sr. Serafim de Barros.

—E o aroma? inquiriu com solicitude o sr. Antão de Cárvalho.

Serve-se o café. Contra o governo há afirmações decisivas. Uma palavra corre a seu respeito: «desprezo». Todos a aprovam. A atmosfera é quási revolucionária.

—O que me admira é o Granjo, que conhecendo a questão a fundo diz coisas!... Aquela entrevista do *Diário de Lisboa*! Queremos desculpar o sr. ministro do comercio.

—Politica de eleições...

O sr. dr. Serafim de Barros faz afirmações escandalosas; conta... Retrae-se, pede segredo. No emtanto, leitores, se tendes curiosidade, socorrei-vos do *Diário de Lisboa* de ontem e lá encontrareis, a uma coluna, na *Cidade*, não o que ele disse, porque não nos servimos dos seus informes, mas o que a nossa reportagem conseguiu apurar ácêrca do emprestimo dos 50 milhões de «dollars».

A entrevista começa agora, entre um cigarro, a chávena de café e um cálice de Porto.

O sr. dr. Antão de Carvalho, ponderadamente:

—Vim a Lisboa para trocar impressões com os deputados do Douro...

—Mas a revolta?

—Não houve revolta.

—Os telegramas...

—Davam conta dum grandioso movimento de protesto que se acentuou nos dias 20 e 21 do corrente. Paralização do trabalho, estabelecimentos encerrados, camaras municipaes solidárias.

—Tranquilidade, não?

—Tranquilidade, diz bem. Viemos afirmar aos poderes publicos essa tranquilidade.

No fim da meza, alguem exclama:

—Tranquilidade que está nas nossas mãos!

Diz-se ainda:

—Não queremos nada com o governo. Só tem mentido! As notas oficiosas sobre o Douro são todas falsas!

Preguntamos ao sr. dr. Antão de Carvalho, se confirma as duas ultimas frases.

—Plenamente!

—Mas o consórcio bancário?

Do fim da meza alguem fala e gesticula; discursa-se já:

—Empenhávamos tudo! As nossas propriedades, as nossas familias, a nossa honra, o nosso vinho!

—E' verdade? preguntamos ao sr. dr. Antão de Carvalho.

Uma inclinação de cabeça do presidente da Junta de Defeza do Douro prova-nos que aquela afirmação é verdadeira.

—O governo mentiu!—afirma-se.

A pessoa do fundo da meza, já de pé, discursa arrebatadamente. Tem algumas frases que merecem moldura. Aqui as emolduramos:

—Os que não trabalham, os agiotas estão de acôrdo com o governo. Queremnos pôr a corda na garganta. Mas no Douro existem ainda os heroes da Flandres.— E ameaçadoramente:—são como monolitos, quando se despenham.

O dr. Antão de Carvalho, mais ponderado, estabelece diálogo com o jornalista:

—Vim tambem a Lisboa em missão especial, reservada.

—Que se prende com o Douro?

—Prende!

—Coisa grave?

Um sorriso.

—O que pedem agora V. Ex.as para resolver a questão dos vinhos?

—A questão muda de instante para instante, agravando-se. Este governo irritou-a.

—E os outros?

—Pretenderam resolvê-la, mas nunca o conseguiram porque caiam sempre. O tratado comercial com a França e a proposta Pinder garantiam uma saida certa de vinho do Porto. Era um belo passo para a resolução do conflito...

—E o consórcio?

—E' mais secundário. No emtanto, necessitamos de dinheiro. Temos á porta a próxima colheita. Não temos vasilhame para recolher a quantidade formidavel de vinho que vamos produzir.—E outra vez: —precisamos de dinheiro!

—O que espera do governo?

—Do governo, nada!

—E do Parlamento?

—Tudo!

—Tem esperança quee ele resolva em breves dias a questão?

—Tenho.—E depois:—o vinho do Porto é o unico valor em ouro que nós temos. Sem resolver a questão do Douro não se póde debelar a crise económica.

—Mas na Camara entra em scena o debate politico. O Douro esperará ainda...

—Talvez não.

—O futuro carrega-se de sombras.

—O futuro a Deus pertence, diz o sr. dr. Antão de Carvalho, á láia de prolóquio, de opinião e de indecisa previsão.

O almoço terminara lentamente. A garrafa de vinho do Porto, já rolhada, presidia aos destinos da meza. Todos fumavam. As opiniões ferviam. Havia frases ferro-em-braza; diatribes contra o governo.

Alguem disse:

—A questão deve ser tratada patrióticamente. Nada de politica! Nada! Vou daqui falar com o Granjo.

O sr. Antão de Carvalho fala:

—Volto em breve para a minha terra.

—A questão do Douro resolver-se há antes da sua partida?

—Tenho esperança...

Cumprimentos. Cumprimentámos os quatro convivas e bebemos o resto do Porto que ficara no cálice.

—Seria ofensa se o não bebesse, disseram-nos.—A. P.

Instrução publica

Foi autorizado a continuar no exercicio do cargo, embora tenha atingido o limite de edade, o sr. Manuel Araujo Freitas de Andrade, professor na escola n.º 1, de Tomar.

O CASO DO DIA

São presos quarenta oficiais milicianos

O que nos diz um oficial, já com guia de marcha para o quartel de Coimbra

No fundo a questão é uma questão entre combatentes e não combatentes

O sr. general Alberto da Silveira, ministro da Guerra, em má hora subiu ao poder. Foi em hora esquerda, como diria Camilo. Arranjou um conflito: o dos oficiaes milicianos. Cultiva-o agora como um sport. Irrita-o constantemente. Não aceita uma indicação; considera o caso, um caso pessoal.

Dizia-nos ontem um oficial miliciano, já com guia de marcha para uma unidade que está aquartelada no norte do paiz, onde vae cumprir dez dias de prisão:

—Fômos mobilisados logo no principio da guerra e quando já estávamos matriculados na Escola de Guerra.

—Interromperam então o curso?

—Interrompemos, sim! Fômos para a França, onde estivemos combatendo. Muitos dos meus colegas, eu próprio—e aqui mostrou-nos o peito medalhado—fômos galardoados.

—Voltaram.

—Voltámos. Os oficiaes que frequentavam então a Escola de Guerra—muitos já depois do armisticio—sairam, tendo tido simplesmente cursos reduzidos. Sairam sem exames finaes.

—E os senhores?

—Nós, não! O sr. Alberto da Silveira, pondo de parte o nosso sacrificio na grande guerra, considera o nosso curso como um curso especial.

—E os exames finaes

—Os exames não têm importancia, mas não queremos fazê-los por uma questão de justiça!

—O ministro não toma em conta o tempo que os senhores se bateram em França?

—Não!

—Quantos oficiaes milicianos foram presos?

—Quarenta, que seguem esta noite e ámanhã para as diferentes unidades que estão aquarteladas no norte. Já temos guias de marcha.

—E depois?

—Desconhecemos o nosso destino. Mas o Parlamento vae tratar do assunto. Tenho esperança que o incidente será liquidado com honra para nós.

E concluindo:

—Isto, no fundo, é uma questão entre combatentes e não combatentes. O ministro da Guerra nunca se bateu.

—Uma pregunta: essa questão dos oficiaes milicianos não redundará numa questão politica? Fala-se numa revolução...

—Nós não entramos em movimentos. A nossa atitude será sempre ditada pela disciplina e pelo brio militar.

Concessão de licenças

Foram concedidas licenças de 60 dias aos srs. drs. João de Barros, secretario geral do ministerio da instrução, e Jaime Cortezão, director da Biblioteca Nacional.

NA IGREJA DOS MARTIRES

Missa do 9.º aniversario dos combates de Chaves e Valença

Rezou-se hoje pelas 11 horas da manhã na igreja dos Martires uma missa sufragando a alma dos oficiais e praças das colunas de Paiva Couceiro e Victor Sepulveda, que sucumbiram nos combates de Chaves e Valença por ocasião da incursão monarquica de Julho de 1912.

Ao piedoso acto assistiram o sr. conde de Nova Gôa, logar tenente do sr. D. Manuel de Bragança, os membros do Conselho Superior da Politica da Causa Monarquica e grande numero de familias monarquicas. O templo encontrava-se completamente cheio.

A CIDADE

UM INQUERITO

Vai haver touros de morte em Portugal?

"Desde que a tourada se admite nada explica que seja abastardado esse combate"

O "Diario de Lisboa" arquiva hoje a opinião do nosso colaborador T. R. C.

De vez em quando, surge na arena das discussões estéreis este velho têma. Alvoroçam-se, apoiando, os *aficionados*; agitam-se, protestando, as Sociedades Protectoras...

As touradas, um espectáculo bárbaro, primitivo, cruel; portanto, não devia haver touradas, sendo racional que as taes Sociedades pugnassem pela sua supressão. Mas desde que a tourada se admite, desde que a coberto da lei se encontram numa arena o homem e a fera, nada explica que esse encontro seja abastardado pelos entraves e fingimentos obrigatórios entre nós. Querer que subsistam as touradas com estão não é ter compaixão pelo touro; a dôr física, a dôr das bandarilhas, das varas, das farpas, é egual aqui e em Espanha; entre nós acresce para o touro a dôr a que apetece chamar *moral*, a dôr da fera que vê manietado o seu «élan», que vê perfidamente inutilizadas as suas armas. Quem vae a uma tourada, aqui como em Espanha, tem de deixar á entrada do sector a sua sensibilidade, como um sobretudo que se enverga á saida. E ao passo que em Lisboa apenas goza um espectáculo de habilidade, em Madrid tem o *frisson* do perigo, o enervamento salutar das grandes emoções, em vez do arrepiosinho passageiro de uma aflição pacata... Uma tourada, em Espanha, é muitas vezes um espectáculo com grandeza; e o publico é absolutamente sensivel a essa grandeza, pois não vae para a praça, ao contrário do que se julga, apenas animado de uma sêde atávica de sangue. Nunca poderei esquecer uma corrida a que assisti, em Madrid, e que me ficou gravada na lembrança como uma das mais fundas impressões da minha vida.

Alturas tantas, surgiu na arena um touro negro, de pêlo lustroso, musculos salientes, hastes agudas como punhaes de marfim crestados ao fôgo. Apoderou-se de todos nós uma anciedade instintiva. A nobreza dele, a sua altivez, impunham-se-nos como a linha escultural das suas fórmas. Desde o primeiro instante, não teve um gesto de recuo, uma hesitação em arremeter contra aqueles panos, aqueles homens, aqueles animaes, que vinham para deante dele zombar da sua cólera; o seu olhar, afeito a vastos horizontes, não se intimidou ao vêr-se enclausurado no circulo da arena; erguia-o de vez em quando, corria-o torvamente pelo publico, num repto sombrio a muitos milhares de olhos.

Seis cavalos cairam, sucessivamente. A quadrilha desorganizava-se, ofegante. E o touro arremetia sempre, lutava sempre, sem cançar, sem recuar um passo. Era a ambição a galopar, arrebatada e irresistivel: era a ilusão a cavalgar ás cegas para a miragem que lhe acenou de longe; era a Força, a Força nobre que mata para viver, que mata sem enganos nem disfarces, á luz do dia, possessa de uma ferocidade leal; era o amôr da verdura, do céu azul, da liberdade, a tentar derrubar numa arremetida espumante tudo o que lhe entravava a sêde de voar!

Gaona, desorientado, parecia mais negro... «Barrenero», o touro, continuava invulnerável. Só á quinta tentativa o «diestro» infeliz prostrou o touro; e quando já a praça vinha abaixo com apupos, este ergueu-se ainda; arrastou-se com as mãos até ficar em frente de um sector pegado ao meu; ahi, com um mugido longo, quási meigo, caiu morto. Na primeira fila soluçava um homem, com os punhos nos olhos; era o lavrador. «Barrenero» fôra morrer-lhe aos pés.

A estranha grandeza daquela fera foi plenamente compreendida. A multidão, com apupos freneticos, expulsou da arena os homens; e quando principiou de ser arrastado pelas hastes o cadáver glorioso do touro, a praça toda, de pé, num delirio, num entusiasmo que seria a consagração de qualquer «espada», cobriu de aplausos o vencido, obrigando os que o arrastavam a dar três voltas á arena; agitou lenços, num prolongado adeus; e na estrada circular que o seu pezado corpo traçou na areia da praça foram confundir-se com as gotas quentes do sangue as pétalas amarfanhadas de muitas flores.

«Barrenero» é um nome que ficou, que teve artigos de jornal, que conheceu a glória. Os touros de morte não embotam a sensibilidade, não nos tornam cruéis: a crueldade reside em nós, e não a desenvolvem ou atenuam as hastes limpas de um touro. Se Blasco Ibañez escrevesse em Portugal—apesar das normas circumspectas que regem entre nós as touradas—teria dito a mesma verdade lapidar quando á Humanidade chamou «La Fiera—la verdadera, la unica»!

T. R. C.

UM MUSEU CHEIO DE PRECIOSIDADES

O Arquivo das Congregaçoes vai ser facultado ao publico

Uma pagina de historia religiosa da maior importancia — As Inglesinhas do Monte Sião — Um santo-martir que veiu da cidade de Roma parar ao Quelhas

Numa rapida visita ao antigo convento do Quelhas, colhem-se impressões que não se apagam facilmente da memoria — A historia das congregações religiosas está toda no Arquivo

O sr. ministro da Justiça visitou ontem o Arquivo das Congregações Religiosas, instalado no antigo convento do Quelhas, onde colheu optimas impressões de história religiosa. Trabalha-se afanosamente para abrir ao publico o precioso museu, onde de futuro poderá ser lida a página mais completa que ainda se escreveu sobre congregações religiosas em Portugal.

E' ao sr. Borges Grainha — diga-se de passagem — que se deve a organização do Arquivo, trabalho de muitos anos de estudo e de paciencia para alinhar em prateleiras e por secções o espólio riquissimo de todos os conventos que foram extintos á data da proclamação da Republica. Logo que terminem as obras — o que será possivel dentro de pouco tempo, se o governo estiver disposto a gastar ali algum dinheiro — o Museu será aberto ao publico aos domingos, mediante o pagamento de uma entrada que não pesará no orçamento de cada visitante.

Numa visita rápida ao antigo convento do Quelhas, colhem-se impressões que não se apagam facilmente da memoria. O dr. Borges Grainha é um «cicerone» amavel, que fala de tudo e tudo explica com um carinho inexcedivel. O Museu está sendo instalado na antiga igreja do Quelhas, devendo ocupar tambem um salão enorme do segundo andar, cujas paredes estão cheias de retratos de freiras, de frades e de jesuitas. Aquela igreja tem uma história. Quando a questão protestante se levantou na Inglaterra, as freiras brigidas vieram da Irlanda e refugiaram-se em Portugal, onde tinham a protecção da lei e das autoridades religiosas. Eram as Inglesinhas, como o povo lhe ficou chamando. E ainda hoje uma daquelas ruas dá pelo nome de «rua das Inglesinhas do Monte Sião». No corpo central da igreja alinham-se algumas mesas, devendo cada uma delas conter tudo quanto se refere a uma congregação. E assim, haverá a mesa dos Agostinhos, a mesa dos Beneditinos, a mesa dos Dominicanos, dos Carmelitas, dos Franciscanos, etc.

Um cofresinho incrustado na parede da igreja contêm os ossos das fundadoras e em várias urnas — foi assim que vieram dos conventos — vêem-se reliquias de todos os santos e santas da côrte do ceu. Há até um santo-martir, que veiu de Roma, vestido de guerreiro e com uma espada de madeira dependurada do cinto. Na igreja devem ficar tambem, divididos por secções, vários tipos de confessionarios, caixas de esmolas de todas as formas e feitios, pias de agua benta, cadeiras e genuflectorios. Há ali cadeiras de todas as fidalgas de Lisboa. De passagem, notamos uma que pertenceu á sr.ª condessa de Azambuja.

Num dos altares vê-se a imagem de S. Domingos — o fundador da Inquisição — com o cãosinho e a vela na boca, a falar-nos da história do seu nascimento. Ao lado, um retrato a oleo — riquissimo, diz o sr. dr. Borges Grainha — do primeiro inquisidor português, frei Diogo da Silva, bispo de Ceuta e arcebispo de Braga, noviço e professor no convento do Bosque de Borba.

Na antiga sacristia ficará instalada a secção das Trinas. Aquela sala é uma evocação de Santa Tereza, que escreveu o livro das «Sete Moradas do Coração». Notam-se por toda a parte as portas das Carmelitas decoradas á maravilha, a oiro, a vermelho, a todas as côres, com os corações de Santa Tereza. Ao fundo, uma grande tela representa a morte da santa, rodeada pelas freiras que vestem o habito branco das Carmelitas. O sr. dr. Borges Grainha aponta-nos uma estante que pertenceu á farmacia do convento, donde se diz ter saido o veneno que deu morte a Sarah de Matos. E logo a seguir, o Menino Jesus dos Atribulados, rodeado pela representação em cera de todos os seus milagres.

Lá em cima, no grande salão do segundo andar, alinham-se os retratos de alguns jesuitas portugueses e dos reitores do Colegio de Campolide. Há uma estatueta de Santo Inacio de Loyola, que tem um fulgor estranho no olhar. O padre Antonio Vieira está arrumado a um canto; vêm depois as Doroteas, as Salesias, as Dominicanas, os Lazaristas, alguns retratos da familia real e de vultos eminentes do antigo regimen, que têm a sua vida ligada á história dos jesuitas. E' êste, em traços largos, o museu que vai abrir ao publico.

No Arquivo, cada sala contêm a documentação que se refere a uma determinada ordem religiosa.

— A história da vida politica desde 1834 até aos nossos dias — diz-nos o sr. dr. Borges Grainha — não se pode fazer sem consultar êstes documentos preciosos que o senhor ai vê.

A biblioteca consta de três andares, onde há milhares e milhares de volumes alinhados nas velhas estantes que vieram dos conventos. O sr. dr. Borges Grainha mostra-nos tudo, solicitamente, e a cada passo chama a nossa atenção para um quadro, para um livro ou para uma imagem de santo.

— Veja, veja tudo isto!

Naquela altura, tinhamos entrado num corredor perfeitamente ás escuras e já não podiamos ver mais nada. E' que se cansam os olhos de ver tanta coisa...

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria da Graça Iglesias Viana Ferreira Roquete, D. Octavia de Freitas Branco Sasseti, D. Maria Luísa de Paiva Leite Pereira Tavora e Cernada (Campo Belo), D. Maria Inacia de Castel Branco, D. Maria Alice Tedeschi Placido, D. Ana Maria Pereira de Melo de Mascarenhas e Silva, D. Maria Eduarda Rolin de Seabra Pereira e D. Roxame Correia dos Santos.

E os srs.:

Marquês de Belas, José de Sá Pais do Amara. (Anadia), Francisco de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Miguel de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), Antonio Correia de Sampaio, João Pereira de Melo e João Baptista de Bobone.

Casamentos

Em Setubal foi há tempos justo o casamento da sr.ª D. Maria Carolina Salgado, gentil filha da sr.ª D. Adelaide Salgado e do sr. Jorge Salgado, com o distinto capitão de artilharia sr. Raul Dantas Manso Preto Mendes Cruz, filho da sr.ª D. Elisa Dantas Manso Preto Mendes Cruz e do sr. dr. Francisco Mendes Cruz, já falecido, e irmão do sr. dr. Francisco Dantas Manso Preto Mendes Cruz, que se encontra em Madrid. O casamento realizar-se-há ainda este ano.

Pontos de reunião

Agenda

Amanhã a nossa sociedade «smart» dá «rendez-vous» de tarde na «matinée» do Cinema Condes e á noite na recita da moda do Eden-Teatro, com a engraçada revista «Pé de dança».

Em viagem

Encontra-se em Lonchant, com sua esposa a sr.ª D. Alice Carneiro Neto Rebelo o sr. José Filipe Neto Rebelo.

—Em Aix-les-Bans encontram-se actualmente os srs. Condes de Chateaubriand.

—Com suas gentis filhas D. Maria Emilia e D. Antonia, estão em Roma os srs. marqueses viscondes de Faria.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Inacia Cabral Moncada de Casal Ribeiro de Carvalho e seu gentil filhinho, está em Sintra o sr. Antonio do Casal Ribeiro de Carvalho.

—E' esperado brevemente em Lisbôa, vindo de Carlsbad, o sr. dr. João Ennes Ulrich.

—Para a praia de Ancora parte dentro de alguns dias o sr. dr. João de Barros.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Leonor Anjos Joice Diniz, suas gentis filhas e filhos, partiu para a sua bela quinta da Carapinheira do Campo, o sr. Carlos Joice Diniz.

—Vindo de Madrid, é esperado em Lisboa, o sr. José Rodrigues de Meneses.

A esquadra americana

Uma "poule" de esgrima entre portugueses e americanos

A equipe de esgrima americana, que se bateu ontem com alguns amadores portugueses nos jardins do Gremio Literario, foi hoje á Sala de Armas Carlos Gonçalves, onde se bateu com os srs. Mouton Osorio, Americo Durão, Jorge Gentil, Manuel de Noronha e Jorge Paiva.

Não podemos dar o resultado dos combates, porque êles estão decorrendo á hora de fecharmos o nosso jornal.

O sr. presidente da Republica visita o navio-chefe da esquadra americana

A' hora de fecharmos, o sr. Presidente da Republica está visitando o navio almirante da esquadra americana.

A bordo, foi recebido com as cerimonias do costume, embandeirando e salvando todos os navios americanos.

Malas postais

Para o Brasil e Argentina

Pelo *Ceylan*, são ámanhã expedidas malas postaes para Pernambuco, Pará, Manaus, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ao meio dia a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 10 horas.

Maquinistas da alfandega

Uma comissão delegada procurou hoje o sr. presidente de ministros

Uma comissão de maquinistas da alfandega de Lisboa procurou hoje o sr. presidente do ministerio, para tratar de interesses de classe. Foi atendida por um dos secretários do sr. Barros Queiroz.

PROVINCIAS

Em Coimbra

O leilão Ameal

Coimbra, 26.

Hoje, no leilão Ameal, foram vendidas mais as seguintes obras de arte.

«S. Jeronimo orando», seculo XVI, 230$00, ao sr. Conde do Juncal; «Cabeça de homem», de Veloso Salgado, por 200$00, ao sr. Lino Ferreira; «Marinha», de J. Vaz, ao sr. João de Figueiredo, por 999$00; Bandej , fainça portuguesa, seculo XVIII, por 200$00, para o Estado; Serviço de jantar de porcelana de Viana, por 5.100$00, ao sr. Conde do Ameal; Compoteira com um anjo, faiança portuguesa, por 100$00, para o Estado; Um prato de faiança portuguesa, tipo aranhões, por 59$ 0, para o Estado; Quadro a oleo «Virgem com o menino» escola flamenga, por 5 1$00, ao sr. João de Figueiredo; «Sol posto», de Van Hier, por 391$00, ao sr. Francisco de Carvalho; «Mulher apertando a liga», de Goya, por 611$00, ao sr. Conde do Ameal; «Mulher com a saia arregaçada», de Gaya, por 1.231$00, ao sr. Campos Henriques; Cabeça da Virgem», de Murillo, por 1.500$00, ao sr. Lino Ferreira; «Os velhos na taberna», de Adrien Brauwer, discipulo de Franz Halls, escola holandesa, por 2.000$00, ao sr. José Brandão.

A greve academica

O sr. dr. Nunes da Silva, juiz do Tribunal da Relação de Lisboa, que se encontra em Coimbra para proceder a uma sindicancia ácerca dos acontecimentos academicos, e que se encontra instalado na Reitoria da Universidade, iniciou hoje os seus trabalhos.

Uma conferencia

Consta que o sr. dr. Alves dos Santos realiza no proximo domingo, no Centro Republicano Liberal, uma conferencia politica.

A Liga do Coração de Portugal

Encontra-se em Coimbra a sr.ª D. Maria Feio, a fim de tratar da fundação, nesta cidade, da Liga do Coração de Portugal, instituição de caridade para crianças desvalidas.

Capitão Gonzaga

Encontra-se nesta cidade a restabelecer-se do desastre de que foi vitima quando realizava varias experiencias no seu monoplano, em Lisboa, o capitão aviador sr. Luiz de Sousa Gonzaga. Este oficial tem sido visitado pelos seus inumeros amigos. Sabemos que depois de restabelecido virá fazer algumas evoluções sobre Coimbra, onde tenciona fazer exercicios ovos.

Em Fornos de Algodres

Joaquim Coelho Flôr

Fornos, 27

Realizou-se o funeral do sr. Joaquim Coelho Flôr que, como noticiámos, faleceu ás 2 horas da manhã do dia 22. O funeral foi muito concorrido, encorporando-se nele as pessoas mais categorizadas desta vila e freguesias do concelho, pois o extinto era credor da amisade e consideração de quantos o conheciam. Esposo amantissimo e pai exemplar, deixa viuva a sr.ª D. Maria Feliciana de Abreu Flôr e filhos os srs. Luciano Augusto Coelho Flor, comerciante em Lisboa; José Augusto Coelho Flôr, secretario da administração deste concelho; Eduardo Coelho Flôr, secretario de finanças neste concelho, D. Miquefina Flôr. professora da escola primaria e superior na Guarda; Francisco Coelho Flôr, inspector de instrução primaria na Amadora e D. Feliciana Abreu Flôr Santos, comerciante nesta vila.

Uma desordem

Numa das ultimas noites, Antonio de Albuquerque Macedo e filho, alquiladores desta vila, envolveram-se em desordem com Nicolau da Silva, cocheiro de aluilaria de Antoulo Paulo dos Santos, de que resultou o Antonio Macedo e filho disparar dois tiros de pistola contra o Nicolau, que felizmente o não atingiram. Deve ser pronunciado brevemente pelo crime de homicidio frustrado.

Em Monção

Caldas de Monção

Monção, 26

Continuam a afluir ás nossas termas grande numero de banhistas, notando-se já um extraordinario movimento de forasteiros, salientando-se os espanhois. Os hoteis e casas particulares estão quasi cheios.

Casamentos

Em Valadares, deste concelho, realizaram-se os casamentos da sr.ª D. Margarida Raposo de Oliveira, gentil filha do sr. Manuel Fernandes de Oliveira, com o sr. João José Ribeiro de Abreu, de Guimarães; e da sr.ª D. Julia de Araujo Dias, da Casa da Amiosa, com o sr. Gaspar da Silveira Porto Carreira, de Vizeu. Tambem casou nesta vila a sr.ª D. Lidia Roma de Lemos Puga, interessante filha do sr. Manuel de Jesus Puga, com o sr. Estadislau Leite da Silva, negociante no Pará (Brasil).

Em Carregado

A crise duriense

Carregado, 26

Continua sendo muito diminuta a venda dos vinhos desta região, sendo o pouco que se tem vendido a 3$50, 3$00 e algum já a 2$50 cada 20 litros. E' uma verdadeira miseria, se tivermos em linha de conta os preços dos salarios para cultivação das vinhas e preparação dos vinhos o ano passado. Os trabalhadores agora passaram a ganhar preços que mal lhes chega para o pão, visto que aqui ainda custa 90 centavos cada kilo, e é de pessima qualidade. Por emquanto não há preços abertos para o trigo da nova colheita, se bem que já há muito trigo debulhado, mas ao que ouvimos o lavrador prepara-se para o vender a 6 e 7 mil réis cada 14 litros, preço mais do que exagerado; por isso, ou o trabalhador tem de ganhar muito mais do que está ganhando, ou o preço do pão, alimento principal, tem de baixar muito; o contrario disto é o proprio lavrador, que ensina as classes pobres a roubar.

Em Benavente

Julgamentos

Benavente, 26.

Em audiencia de juri responderam no dia 22, Leovergilio Carrasquinho, por crime de furto, sendo condenado em quatro anos de prisão celular na alternativa de seis anos em Africa; e hoje Luís João Gomes, por desfloramento, sendo obsolvido. Ambos foram defendidos pelo distinto advogado desta comarca sr. dr. Alvaro Betamio de Almeida.

Um desastre

Quando ontem lidava com gado bravo um criado dos srs. Anastacio e Neto, o cavalo que montava caiu, dando o pobre homem forte pancada na cabeça, fracturando o craneo. Conduzido ao hospital desta vila, faleceu horas depois.

Funeral

Com grande concorrencia realizou-se hoje o funeral do menino João Amaro, filho do ilustre medico e rico proprietario sr. dr. Francisco de Sousa Dias. Ficou depositado em jazigo de familia.

Em Escalos de Cima

O calor

Escalos, 26

O calor tem sido asfixiante, marcando á sombra 37 graus.

A agricultura

Os campos apresentam um as ecto desolador com a falta de agua, estando as colheitas de verão perdidas e começando já a resentirem-se as vinhas.

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS

Grande baixa de preços!!!

Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
" " sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
" " musseline a 6490 e 7490 réis!
" " seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
" " seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!

10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!

Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!

GRANDE SALDO!
Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!

Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!

CAMISARIA MODELO
RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA
PREÇOS DE OCASIAO!

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricás da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e paseios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO

Escritorios: (Nas termas.
(Em Lisboa -- R. de S. Nicolau, 88, 2.º

N.º 34 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 27-7-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

O Johannes falava para mim, fez um discurso... Eu já não tinha então consciencia de mim mesma, até ao fim das suas palavras; ouvia unicamente a sua voz. Parecia-me o som de um orgão e estava desesperada de sentir quanto ela me encantava. O papá preguntou-me porque é que eu tinha soltado aquele grito, porque o tinha interrompido; ficou aflito com isso. A mamã não fez reflexões, tinha compreendido. Eu disse tudo á mamã e há muitos anos que ela o sabe e tornei-lho a dizer há dois anos, na minha volta da cidade... Foi depois do nosso encontro.

—Não falemos mais nisso...

—Não, nã$_o$ falemos mais nisso! Mas perdôe-me, escute, Johannes, seja caridoso! Que devo fazer,—o que vou eu fazer agora? O papá está em casa, passeando para um lado e para $_o$ outro, no seu gabinete de trabalho; o golpe é terrivel para ele. Amanhã é domingo; resolveu despedir todo o pessoal; foi a unica coisa que decidiu hoje. Tem $_o$ rôsto livido, não diz uma palavra; aqui está o efeito que lhe produziu a morte do seu futuro genro... Eu disse á mamã que queria vir vêr o Johannes. E ela respondeu-me que precisávamos de acompanhar ambos, ámanhã, o camarista á cidade. Quero vêr Johannes, repetia eu. O papá não tem dinheiro que chegue para nós três; só ele ficará aqui, respondeu-me a mamã e continuou a falar de outras coisas. Então dirigi-me á porta... A mamã olhou para mim. Vou procurálo, disse eu, pela ultima vez. A mamã levantou-se, beijou-me e disse: Pois bem, que Deus vos guarde!

Johannes deixou-lhe as mãos:

—Já está quente, agora, disse ele.

—Obrigada, infinitamente, sim, agora, estou muito quente... Que Deus vos guarde, disse-me a mamã. Oh! eu contei-lhe tudo, ela sabe há muito tempo. Mas dizeme, de quem gostas tu, minha filha? preguntou-me ela um dia. Pois ainda me faz essa pregunta? respondi eu. E' de Johannes que eu gosto, é dele que eu tenho gostado toda a minha vida, só ele eu tenho amado, adorado...

Johannes fez um movimento.

—E' tarde. Podem estar com cuidado em si em casa, não lhe parece?

—Oh! não... Deve ter visto que é de si que eu gosto, Johannes, sabe-o perfeitamente, não é verdade? Sofri tanto, esperand$_o$ por si, durante estes anos; ninguem, ah! ninguem o póde avaliar... Passava por este caminho, ia ao longo dos carreiros do bosque e pensava: era aqui que ele gostava de andar... No dia em que soube que estava de volta quiz, em sinal de festa, vestir-me de claro... De comoção e de desejo de $_o$ tornar a vêr, fiquei doente... Andava pela casa para todos os lados, abrindo e fechando portas... Como estás radiante hoje, dizia-me a mamã. E eu pensava: ele regressou, ele está de volta! E obcecada por este pensamento, repetia sem cessar: ele regressou, é maravilhoso! N$_o$ dia seguinte, não podendo mais, vesti-me outra vez de clar$_o$ e subi á pedreira para o encontrar... Lembra-se? Não apanhei flôres, como lhe dizia; não era para isso que eu tinha vindo... Já não sentiu, então, alegria de me tornar a vêr; mas agradeço-lhe, apesar de tudo, visto que pude encontrá-lo ali. Mais de dois anos se tinham passado depois de... Quando eu cheguei estava sentado e tinha agarrado um pequen$_o$ ramo de árvore com que batia na mão; quando se foi embora apanhei esse ramo e levei-o, escondendo-o...

—Mas Vitória, disse ele com a voz trémula, agora já não póde dizer-me essas coisas.

—Não, exclamou ela angustiada, pegando-lhe na mão. Não, não póde ser, já não quere, não é verdade?

Acariciou-lhe a mão, nervosamente.

—Oh! não, é realmente justo que já não queira ouvir-me Não devo contar com isso. Fiz-lhe tanto mal. Não poderia perdoarmo com $_o$ tempo, diga?

—Sim, certamente, tudo está perdoado. Não é isso que eu querò dizer.

—O que é então?

—Estou noiv$_o$, respondeu ele.

X

No dia seguinte—era domingo—o castelão veiu pessoalmente a casa do moleiro, pedir-lhe que estivesse no catelo ao mei$_o$ dia, para conduzir o caixão do tenente Otto ao barco. O moleiro não compreendia e olhava-o com ar surpreendido; mas o castelão explicou-lhe que todo o seu pessoal, estando despedido, tinha id$_o$ para a missa; nenhum dos creados estava em casa.

Continua)

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59

E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

O FIM DE UMA NAÇÃO?

A fome e a peste invadiram a Russia

Maximo Gorki pede medicos e remedios

Depois das dizimações do terror, a fome e a peste invadiram a Russia e ameaçam faze-la desaparecer. Os bandos esfomeados dirigem-se, ao acaso, para o estrangeiro; quando um bando, a quem ainda se não esgotaram de todo as provisões, vê outro vir ao seu encontro, espingardeia-o.

O governo dos «soviets» enviou delegados aos governos das outras nações, pedindo comer; Gorki foi á Alemanha pedir medicos e medicamentos, já que ahi o comer é pouco para os nacionais.

As provisões que vão por mar, chegam ao seu destino; mas, as que vão por terra, são assaltadas pelos camponezes esfomeados.

Tudo, porém, que a Russia tem recebido até hoje é insuficiente para matar a fome a Petrogrado e a Sebastopol. Um libra de pão custa 13.000 rublos.

O mundo recolheu com piedade o apelo desesperado das populações, que morrem vitimas duma utopia e dum bando de salteadores.

Porque, se entre os governantes da Russia havia alguns que, desejando dar melhor destino aos desprotegidos da sorte, se esqueceram de que as coisas praticas devem ser tratadas no campo das realidades, muitos deles, senão a maior parte, foram aventureiros, preguiçosos, inuteis e perigosos, que se serviram das crenças, das esperanças e da ignorancia do povo russo para darem largas ás suas vinganças contra os que, mercê do trabalho e da inteligencia, viviam mais desafogadamente, e ás suas aspirações de goso sem trabalho.

São estes homens que formam hoje os «comités» na Russia;é pelas suas mãos que devem passar os viveres que forem aliviar a fome dos desgraçados. E conquanto não concordemos com o egoismo do *Figaro*,que aconselha a França a guardar os recursos que tiver para si e dar os restos aos russos que vivem nos territorios dela, sem fome só pelo facto de viverem num país que a não sofre, não podemos deixar de, como ele, concordar em que se não deve permitir que desses exploradores dependa a chegada de viveres até aos seus criados, os sabios, os escritores, os artistas, os matematicos de ontem e que hoje engraxam as botas e fazem as limpezas das casas destes aventureiros.

Socorram-se, com sacrificio, socorram-se com todos os meios ao alcance do mundo, os desgraçados da Russia. Mas que haja cuidado! Os mais altos são os culpados! Aqueles a quem a civilisação deve mais, são os que se encontram hoje na ultima escala da sociedade russa, serão portanto aqueles a quem chegarão os socorros em ultimo lugar, se o mundo não impuzer a sua vontade: a de os socorrer antes de todos.

A' VOLTA DA OCUPAÇÃO DO RHENO

A POLITICA FRANCO-ALEMÃ E AS RECLAMÇÕES ÁCERCA DAS SANÇÕES DA ALTA SILESIA

A NOTA DE BRIAND E OS COMENTARIOS DE WRITH

A "BOY-COTTAGE" AO COMERCIO ALIADO

Sabe-se a actividade que todas as forças da Alemanha têm desenvolvido unanimemente para obterem a Alta Silesia sem partilha e fazerem cessar a ocupação do Rheno.

O chanceler Wirth tem exposto, sempre que lhe tem sido possivel, o desejo que anima o govêrno de pagar, mas tambem a impossibilidade de o fazer em que o coloca a não realização destas duas medidas.

Na reclamação destas o ministro alemão tem a seu lado todas as forças da Alemanha.

Comquanto alguns franceses sejam de opinião de que a ocupação do Rheno devia cessar, a maior parte, secundando o govêrno, apoiam a permanencia das tropas como fôrça coactiva.

Quando se falou da ocupação e da aplicação dos 50 por cento ás mercadorias alemãs, num artigo do «Temps» mostrava-se a resistencia passiva que os alemães podiam opôr a tais medidas; a demonstração era completa e chegava-se mesmo á conclusão de que, por meio de uma exportação indirecta, os 50 por cento seriam pagos não pelos alemães, mas pelos proprios aliados.

Referindo-se há dias ás reclamações actuais dos alemães e á ocupação do Rheno, o «Matin» dizia que os receios de inutilidade da ocupação se tinham desfeito como fumo; os 50 por cento continuam a ser levantados, a exportação continúa a fazer-se pela fronteira renana, as relações comerciais entre os dois países desenvolvem-se.

A prova mais evidente da fôrça coactiva da ocupação está na insistencia com que a Alemanha pede a retirada das tropas: por consequencia deve ser mantida, pelo menos até que cessem as perturbações da Alta Silesia.

E' esta, pouco mais ou menos, a doutrina do «Matin».

Briand enviou uma nota ao govêrno alemão, a que Wirth fez comentarios, dos quais transcrevemos as seguintes frases, depois de mais uma vez afirmar que o programa financeiro e a propria existencia do govêrno dependem da atenção que a França lhe der na questão das sanções e da Alta Silesia.

«Não se trata de ameaças nem de exercer pressão sobre a Entente, mas da nossa verdadeira situação actual.

O eco amigavel que a nossa politica tinha encontrado no mundo, até na França, convenceu-nos de que estavamos no bom caminho; é por isso que a dura nota de Briand ácerca da Alta-Silesia foi como uma chicotada na cara. Pergunta-me se a França quiz alguma vez chegar a um acordo comnosco.

Formei o governo para cumprir as condições do ultimatum: a prova é termos pago as quantias muito antes de terminados os prasos e o primeiro bilião estará pago antes do fim do mês de agosto, graças ao auxilio dos bancos.

Queremos ter relações amigaveis com a França em palavras e em actos.»

Não terá a França ido longe de mais na sua irreductibilidade?

Por mais odioso que tivesse sido o papel da Alemanha na guerra, é forçoso reconhecer que ela é uma nação que não quer morrer. A maior habilidade seria castiga-la justamente até á altura em que a cessação do castigo a obrigasse a reconhecer a generosidade do vencedor.

Não terá passado esse momento?

Agora a Alemanha começa a defender-se. As felicitações do *Matin* foram prematuras: o governo francês não levanta as sancções, o comercio e a industria alemãs reunem para exercer o *boycottage* no comercio aliado.

Nos cafés e nos restaurantes ha homens que censuram os que gastam vinhos ou licores franceses e aconselham-nos a gastarem apenas dos nacionais, «cognac» ou «sekt».

A associação dos industriais convida os socios a anular quanto possivel as encomendas dos aliados e a exigir-lhes para as que tiverem de atender, pagamento adeantado. Nas ruas ha cartazes aconselhando que não compre aos aliados e dizendo ao publico que prefira as casas onde se não vendem produtos estrangeiros.

Em panfletos lança-se a pregunta: «Porventura a Alemanha não tem defeza possivel?»

Os industriais e comerciantes resolveram não importar nada da Rhenania e conceder aos industriais dessa região os capitais suficientes para resistir o tempo necessario.

Sobretudo nos artigos de origem alemã imprescindiveis aconselha-se o fornecimento só por via indirecta. Assim pagarão os aliados os 50 %. Mercados não lhes faltam na Europa oriental e central e nas duas Americas. E considerando que o cambio alemão é para ela um *dumping* incomparavel e para os aliados um *handicap* que não podem destruir, vemos que a pregunta dos panfletos tem uma resposta afirmativa e que á França talvês conviesse mais ceder um pouco.

DE INGLATERRA

O acordo franco-britanico e a questão da Alta Silesia

"A tentativa da Alemanha para estabelecer desacordos entre a França e Alemanha só serviu para tornar mais apertado o bom entendimento entre as duas nações", diz "The Times"

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

LONDRES, 27.—A França e a Inglaterra estão de novo de acordo sobre a questão da Alta Silesia. Na Inglaterra, causou muito boa impressão que a França tivesse concordado com a reunião do Conselho Supremo nos principios de Agosto, ao que a Inglaterra respondeu nomeando uma comissão de tecnicos como desejava Briand. O correspondente do «Times» em Paris, diz que as tentativas da Alemanha para estabelecer desscordos entre a França e a Inglaterra, só serviram para tornar mais apertado o bom entendimento entre estas duas nações.—(U. P.)

O calor impossibilita a navegação no golfo Persico

Em Basra, o termometro marcou 128,9 (F.) á sombra

LONDRES, 27.—Tem havido um calor sem precedentes no golfo Persico tendo causado a morte a muitos ingleses, arabes e indios. Em Basra, o termometro marcou 128,9 (F.) á sombra. A tripulação dos paquetes diz que é absolutomente impossivel fazer a navegação no golfo.—(U. P.)

O CUSTO DA VIDA

Em Paris já se janta por 1$700 réis

Um grande exemplo a seguir entre nós

Uma noticia que os nossos comerciantes deviam tomar na devida conta, para nos irem dando voluntariamente uma vida na qual vagamente se pudesse compreender que a guerra já acabou ha quase três anos, e não gritarem quando uma força que não está na sua mão conter, vem mostrar que afinal o povo, a gente que trabalha e não vive do trabalho dos outros, não tem a vida mais barata como lá fóra, porque estes ultimos não querem deixar arruinar a sua industria.

Que os *honrados comerciantes*, que acusam os *exploradores*, tomem o exemplo lá de fóra, e estes serão obrigados a imitá-los; só assim poderemos ver a diferença que ha entre uns e outros.

Enquanto não o fizerem não ha possibilidade de deixarem de ser englobados na mesma denominação.

Chega-nos uma noticia bem especializada de que em Paris já se janta bem, por 2 francos e meio ou seja por menos de 1$70.

Ora antes da guerra um bom jantar custava 3 francos e meio, numa boa casa.

Pelo preço indicado em cima janta-se hoje, no «restaurant de l'E'toile Bleu» na rua Gay-Lussac fundado ha pouco pelos srs. Mirabeau, Vigouroux, Wolf e M. Wagner.

Um jantar consta de sopa, *hors d'œnore*, um prato de carne acompanhada, um de legumes e sobremesa.

O vinho, áparte, custa 40 centimos do tinto, e 50 do branco, ou cerveja, e o café 20 centimos.

Ao todo tem-se um optimo jantar, capaz de satisfazer gente bastante exigente por, aproximadamente, 2300 réis.

Lista dos pratos a escolher num dia, ao acaso: Sopa de azedas. salada de tomates, recheados, «roast-beef» frio, coelho assado, costeletas de porco, batatas salteadas, massa folhada á italiana, couve-flor com azeite, fruta, yoghourt, bolachas e bolos de varias qualidades.

E dizem os donos do «restaurant»: «não temos perdas, ainda que os lucros não sejam grandes. Provamos que nesta questão de fazer baixar o preço da vida o que é preciso é consciencia e boa vontade».

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
— Seguros de vida —
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

SAPATARIA SECULO XX
R. Nova do Almada, 63
Grande sortimento a preços modicos

Além-mar

A circulação fiduciaria nas nossas provincias ultramarinas

O sr. ministro das Colónias mandou ouvir os Altos Comissários e os governadores das possessões ultramarinas, ácêrca da necessidade do aumento da circulação fiduciária e da emissão de cédulas nas respectivas provincias. Todos responderam no sentido de que o aumento se faça, com excepção, porém, do Alto Comissário em Angola, na parte que respeita á emissão de cédulas, visto o decreto relativo ao regime monetário da provincia estabelecer tratar já desse aumento.

O governador de S. Tomé pede operarios de varias artes

O governador de S. Tomé telegrafou ao sr. ministro das Colónias, no sentido de que sejam urgentemente mandados para ali os operários de várias artes e oficios que há tempo requisitou. Diz que se o pedido não fôr atendido correm risco de paralização os trabalhos do porto e caminhos de ferro da ilha.

Os vencimentos dos funcionarios coloniais

Foi determinado que os concelhos legislativos de todas as provincias ultramarinas fixem, em harmonia com a lei, os vencimentos dos respectivos funcionários, os quaes, porém, só serão abonados depois de aprovados pelo governo central.

Conselho de ministros

Na sua reunião de hoje, tratou de ordem publica e da redacção da declaração ministerial

O conselho de ministros esteve reunido esta tarde na secretaria das Finanças, tratando ainda das propostas de lei que o governo apresentará logo que esteja constituida a Camara dos Deputados, e da declaração ministerial que deve ser lida ao Parlamento. Consta que tambem se ocupou de assuntos de ordem publica.

Cruzada das Mulheres Portuguezas

Um importante donativo para os orfãos da guerra

Por intermedio do ministerio dos estrangeiros foi enviado á C. M. P., para a sua assistencia aos orfãos de guerra, pelo sr. dr. João Carlos da Silva Pita, de New Bedford, a importancia de 3.348$00.

Esta valiosa oferta nada tem com a grande subscrição para os «orfãos de guerra», entregue ao «Seculo».

A direcção da Cruzada destina esta importancia á construção dos primeiros dois «casais dos orfãos da guerra», que vão ser feitos para duas raparigas orfãs e abandonadas, que se encontram em Vilarandela (Traz-os-Montes).

A planta será brevemente exposta, pois o terreno foi já oferecido á Cruzada, para este fim, pela sr.ª D. Beatriz da Cunha Magalhães e seu marido.

O MELHOR VINHO DE MESA, ESTOMACAL, DIGESTIVO, APERITIVO

que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES

VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

Deposito geral:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

R. NOVA DA TRINDADE, 50

TELEFONE C. 1644

Ultimas Noticias

Alguns pormenores do desastre militar de Marrocos

UMA NOTA OFICIOSA DO MINISTERIO DA GUERRA

O general Berenguer diz que a situação melhora—As impressões de um jornalista aviador—O general Silvestre não se suicidou, e foi feito prisioneiro ainda ferido

MADRID, 27—Uma nota oficiosa do ministerio da Guerra comunica que Berenguer ocupou os territorios limitrofes de Benider e de Beniarés, de grande importancia militar e politica, sem disparar um tiro. As povoações imediatas receberam bem as colunas que foram acompanhadas por muitos mouros em atitude amigavel. Berenguer comunica que a situação melhora. O coronel Roquelme está no Zoco de Benisicar e tem muito boas impressões acêrca da atitude desta kabila. Varias kabilas, têm vindo oferecer o seu auxilio aos espanhois.

Não houve nada especial nas posições ocupadas ontem nas abas do Gurugu. Aproveitando esta acalmia favoravel foi enviada a coluna Sanjurjo para ocupar Sidi Hamed, Atalayon e outras povoações proximas. Em Melilla, continua a haver grande entusiasmo por se ver a rapida e pronta chegada de reforços, e a boa disposição das tropas.

Um redactor do «Liberal» e o aviador inglês Havelland saíram de Madrid em aeroplano em direção a Melilla, para se informarem do tragico sucesso. Voaram sobre o acampamento inimigo, vendo todas as posições abandonadas. O aeroplano não poude descer em Zeluan Nador por já não existir ali o aerodromo, tendo descido em Melilla proximo do forte Caberizas, sendo rodeado por oficiais superiores que desejavam informar-se. Regressando a Madrid, o periodista aviador, disse que o general Silvestre tinha compreendido que a situação em Annual era insustentavel, atacada como estava sendo por muitos milhares de mouros. O general Silvestre escreveu uma carta a Berenguer, dizendo-lhe que estava tudo perdido. Silvestre caíu ferido como caíram mortos a seu lado o coronel Manella e o seu ajudante. Desmente-se o suicidio do general Silvestre. O general deu ordem para que se efectuasse uma rapida retirada, ordenando a saída de varias forças e entre elas as comandadas por seu filho, tenente de cavalaria, e ordenou tambem ao estado maior que abandonasse as suas posições. O coronel Morales foi ferido com duas balas no peito quando atravessava o parapeito. Os mouros aprisionaram o general Silvestre ferido, ignorando-se depois o que sucedeu. O general Navarro reuniu com grandes esforços as forças dispersas, fortificando-se em Batel. Varias posições resistiam ainda ontem contra o inimigo.

De varios portos de Espanha têm continuado a sair navios com tropas que são delirantemente aclamadas.

O guarda-marinha Lazaga, que estava para ser proposto para ser louvado e condecorado por feitos heroicos, em Sidi Dris foi ferido gravemente quando protegia o embarque dos soldados que se retiravam daquela posição.—(R.)

Um conflito no Congresso da Federação de Trabalho de Lille

PARIS, 27.—Ficaram feridos muitos membros do congresso da Federação do trabalho de Lille, onde houve uma verdadeira batalha entre elementos moderados e extremistas, tendo-se agredido uns aos outros com toda a especie de projecteis e com tiros de revolver.—(U. P.)

DA RUSSIA

Quarenta milhões de pessoas a braços com a fome — Continuam lavrando com intensidade o colera, o tifo e outras epidemias — Proclamação do estado de sitio em Moscou

PARIS, 27.

As noticias vindas da Russia continuam a ser terriveis. O comité central está reunido em permanencia. A fome é terrivel nos governos de Nicolaievesk, Odessa, Karkorff, Poltawa, Samara, Saratoff, Kherson e Astrakan. Avaliam-se em quarenta milhões o numero de pessoas que sofrem de fome, lavrando com intensidade o colera, o tifo e outras epidemias que já fizeram mais de cem mil vitimas. Assinalaram-se já varios casos de peste. Para tornar a situação ainda mais horrorosa, aparece agora uma invasão de gafanhotos. As autoridades dos «soviets» vêem-se obrigadas a fugir para as cidades, reinando por toda a parte uma verdadeira anarquia. O governo central limita-se a estabelecer cordões de tropas vermelhas para impedir que os esfomeados invadam a Russia Central. Foi proclamado o estado de sitio em Moscow, por se terem dado graves tumultos nessa cidade. Há tumultos de caracter anti-bolchevista em Moscow e Petrogrado. Causou grande indignação em Petrogrado o discurso pronunciado na reunião dos comissarios dos «soviets» por Kameneff, em que êste disse que se o governo pudesse assegurar a alimentação do exercito vermelho e manter em actividade um certo numero de fabricas, cuja produção era indispensavel, o bolchevismo seria bastante forte para reprimir qualquer tentativa de revolta, embora lhe fosse impossivel fornecer viveres em quantidade suficiente aos vinte e cinco milhões de russos ameaçados pela fome. — (R.).

DE LONDRES

Quem são os tecnicos nomeados pelo governo inglês para tratar da questão de delimitação das fronteiras — O Conselho Supremo da Liga das Nações reune no proximo de agosto

LONDRES, 27.

Os tecnicos nomeados pelo governo britanico para tratar da questão da delimitação das fronteiras da Alta Silesia são *sirs* Cecil Hurst, Tuften e o major Clarke, que partem esta noite para Paris.

Não é crivel que os tecnicos italianos cheguem a Paris antes de quinta-feira.

No Conselho Supremo, que reunirá em 4 de Agosto, em Paris, o governo inglês será representado por Lord Curzon e Balfour. E' pouco provavel que Lloyd George compareça, devido a ter a sua atenção ocupada por outros assuntos. Os três comissarios aliados na Alta Silesia estarão presentes no Conselho Supremo, nomeadamente *sir* Harold Stuart, general Lerond e general Marinais. — (R.).

O CONFLITO SILESIANO

Um convite alemão para os operarios abandonarem os distritos mineiros

PARIS, 27

Um comunicado confidencial do governo alemão convida, segundo informam de Beuthem, os empregados alemães dos diferentes distritos mineiros a abandonarem a Alta Silesia. Esta medida provocaria a paralisação imediata e provaria que a industria local não póde viver sem o apoio da Alemanha. — (R.)

Bolsa de Lisboa

Dia 27

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	42.25
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	—
4 0/0 1888	—
4 0/0 1890 coup	—
4 1/2 1888/89 ass.	56.
4 1/2 1889 coup.	—
5 0/0 1909 coup.	—
4 1/2 1912 ouro	—
5 0/0 1917	67.50
3 0/0 externas 1.ª série	151.50
3 0/0 » 2.ª »	—
3 0/0 » 3.ª »	151.
Acções	
Banco Colonial Português (port.)	140.60
Banco Colonial Português (cop.)	—
» Comercial de Lisboa	255.
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	215.
» » » (coup.)	230.
» Lisboa & Açores	270.
» Portugal	410.
» Minho	—
» Português e Brasileiro	125.50
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	3.750.
C. N. Navegação	122.
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	218.20
Portugal e Colonial	104.80
Cabinda	—
Buzi	45.9
Ilha do Principe	—
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	—
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	149.50
Benguela, titulo 3	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	38$00	40$00
s/Londres cheque	7 5/8	7 1/2
» 90 d. v.	7 3/4	—
Rio s/Londres	7 1/4	—
s/ Paris	680	692
s/ Italia	380	390
s/ Belgica	660	675
s/ Suissa	1440	1470
s/ Espanha	1110	1150
s/ Berlim	112	115
s/ Holanda	2700	2780
s/ Nova York	8800	8950
Rio Brasil	110	100
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» » » » Portugal	7	—
Agio do ouro	700	800

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	60,80
» s/Londres	28,18
» s/New-York	7,78
» s/Berlim	10,05
Paris s/Londres	46,25
» s/Madrid	164
» s/Genebra	211,75
» s/Berlim	16,50
Londres s/Paris	46,25
» s/Roma	82,50
» s/New-York	358
» s/Berlim	281
» Amsterdam	11,53
» s/Genebra	21,80
» s/Belgica	47,40
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 28.—Resa-se de S. Nazario. Simplex. Paramentos vermelhos. Na missa, 2.ª oração «ad cunctis» e 3.ª oração «ad bil». São permitidas as missas votivas ou de defuntos.

—Lausperene na igreja dos Martires.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

Pena, ás 11-30, festa a S. Joaquim, com missa solene, por musica, orando o rev. Governo.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.